ensaios



Angústia, afeto de exceção

COLETTE SOLER

SE DIGO QUE A ANGÚSTIA É UM afeto de exceção, é preciso que eu diga o que constitui sua excepcionalidade, sua diferença em relação a todos os outros afetos. Lacan deu a fórmula dessa diferença: é o único que não engana.

É preciso ainda dar a esse termo "exceção" seu sentido rigoroso, lógico. Tanto mais sabendo que Lacan utiliza o termo exceção não só para o pai como para o sintoma. Portanto, não por acaso, eu o introduzo aqui, e posso voltar a utilizar para a angústia, uma escrita que propus para o sintoma há alguns anos. É a escrita que Lacan emprega para situar o lado homem das fórmulas de sexuação e que faz uso da referência conjuntista. Ela se presta, com efeito, a vários usos conforme a definição que se dá à função. Se dizemos: os afetos são enganadores, podemos escrever essa asserção utilizando a função proposicional de Frege e escrever a função T: ser enganador, tal como Lacan escreve a função Φ. Se x, que constitui argumento para a função, é o afeto, escreveremos: Para todo x. Tx mas existe um x para o qual não T de x:

$\forall x.Tx$, mas $\exists x$. não Tx.

Naquela época, para o sintoma, eu escrevera a função A de pertinência ao Outro, ser um elemento do Outro, x sendo o significante, tínhamos: para todo $\forall x$. Ax, mas existe um x, $\exists x$. não Ax para o qual a função de pertinência não se verifica, é a letra do sintoma como exceção.

Entretanto, com o afeto, coloca-se a questão de saber quem é o afetado e quem é o afetante. Lacan desenvolveu toda uma teoria do afeto que se encontra condensada em *Télévision* nas páginas 37 a 41, e em *Televisão*, nas páginas 41 a 47[1]. O afeto é o corpo. "O afeto vem ao corpo" sob a forma de uma "perturbação de suas funções", como se vê em uma descarga de adrenalina. Quanto ao afetante, não é a alma, mas o pensamento: "É pensamento que isso descarrega". Mais precisamente, o corpo "não é afetado a não ser pela estrutura", bem entendido, a da linguagem, do inconsciente linguagem. Será necessário, pois, situar a exceção da angústia nessa tese.

[1] Lacan. *Télévision* (1974)

Como a exceção lógica se traduz clinicamente?

Partamos dos outros afetos, por que dizer que eles enganam? A tese é freudiana, solidária à sua doutrina do recalque que distingue explicitamente os significantes recalcados (*Vorstellung*) dos afetos migrantes, deslocados, diz ele, ao sabor das representações, metonímicas, afirma Lacan. Dizer "enganadores" não significa que sejam imaginários, mas que não têm valor epistêmico, uma vez que estão desligados de seu referente de origem. O "senti-mente".

A tese pode parecer paradoxal, pois a provação do afeto, o vivido, como se diz, suscita a convicção imediata, produz uma adesão que parece a evidência mesma. Evidência enganadora, contudo, pois desligada do que a causa. Acrescento que para julgar o deslocamento, um ponto fixo não pode ser necessariamente a cadeia na qual eles deslizam, mas o significante primeiro do trauma: é pela metáfora primeira que se julga o deslocamento do afeto. Na seqüência, o que serve na análise é a decifração do sintoma, e não os afetos que dele derivam. Os afetos não são os aliados da interpretação. Que o sujeito afetado se engane com eles, vá lá, vê-se a razão para isso, mas é melhor nessa prática freudiana que o enganado não seja o analista. O vivido do afeto é falsa evidência, que caminha junto da dúvida e da incerteza quanto ao saber. Ele se põe à prova, e até mesmo põe à prova o sujeito que dele padece, mas não prova nada, não é amigo da prova.

De fato, o verdadeiro enganador é o próprio significante. A tese é ainda freudiana. Pensem no *Proton pseudos* que a garota fóbica das lojas ilustra. É a substituição dos signos que leva a perder o rastro, que recalca o acontecimento real insuportável. No fundo, Lacan retoma essa tese justamente no seminário sobre a angústia, ao insistir no fato de que o significante não é o rastro, a pegada, a marca, o estigma, mas, ao contrário, a tentativa de apagamento que engana sobre o real.

Volto à clínica da angústia. Como todo afeto, a angústia se experimenta, se sente, ela pertence ao que Lacan chamava, em *A direção do tratamento*, "o sentir". É, contudo, um sentir especial, que não se deve confundir com o medo. No medo, "a característica da angústia falta, nesse sentido de que o sujeito não é nem abarcado, nem implicado, nem interessado no mais íntimo de si mesmo"[2]. Esse pungente da angústia, entetanto, não é inimigo da prova. E falar de prova é ainda dizer demasiado pouco, pois é de certeza que se trata. Atroz certeza, afirma Lacan. A certeza não é da ordem dedutível. É um fora de dúvida

[2] Lacan, *Le Séminaire Livre X, L'angoisse* (1963-4, p. 187).

que não passa pelo trabalho do pensamento, do significante, que não conhece a dialética. Parêntese: como não lembrar aqui que o termo está em uso para a psicose? Um desenvolvimento deveria ser feito sobre a angústia e a foraclusão, não para falar da angústia do psicótico, mas talvez para renovar a definição da foraclusão. Fecho o parêntese.

A certeza clínica da angústia indica que ela remete não ao significante enganador, mas a um real (não estou dizendo o real) que se trata de cercar. Ela é amarrada a esse real de forma dupla: a ele se remete e por ele é produzida. Ela é seu índice. O termo freudiano mais conhecido é o termo sinal que tem outras conotações diferentes de "índice", o qual evoca mais o traço de iminência, do gênero "atenção perigo", pois a angústia não é o afeto do acabado, mas o da ocorrência iminente. Daí por que Freud lhe atribui uma função positiva de alerta, de cuidado. Participando da obsessão, ela desempenha o papel do pára-surpresa. Mas se eu digo "índice" mais que "sinal", é para insistir sobre o fato de que a angústia, afeto da iminência de um real, tem também por isso valor epistêmico. Digamos que é o único afeto aliado da interpretação.

A certeza da angústia indica que ela não se refere ao significante enganador, mas sim àquilo que poderíamos chamar um real. Atenção! Não estou dizendo o real, mas um real (artigo indefinido), porque primeiramente existem várias definições do real e depois, talvez, vários acessos.

Em outras palavras, a angústia está amarrada, contrariamente aos outros afetos passeadores. Toda a questão está em saber a que real ela está amarrada, que real lhe diz respeito. Creio que é preciso tomar essa remissão ao real de forma dupla. Qual é o real que engendra a angústia? Mas, ao mesmo tempo, se ela é engendrada por um real, ela se torna um índice do real. O termo freudiano é "sinal", como se sabe, mas a palavra "sinal" tem conotações diferentes da palavra "índice". O termo "sinal" conota a iminência. Com efeito, a angústia não é o afeto de algo acabado, mas o de alguma coisa que vai, que vem, que vamos encontrar.

Então, o termo freudiano "sinal" é bom, bem oportuno, do tipo "Cuidado, perigo!", que se vê nas estradas para indicar que, dando mais um passo, algo ruim pode nos acontecer. Por isso Freud tem razão em atribuir à angústia, sentimento da iminência de um real, uma função positiva de alerta, de defesa. A angústia é um afeto que participa do temor de algo obsedante, que vai acontecer; nesse sentido, a angústia é um pára-surpresa.

Freud pode dizer que ela é um pára-traumatismo, pois o traumatismo pressupõe não só o encontro, mas o encontro de surpresa.

Entretanto, digo "índice" em vez de "sinal" para insistir no valor epistêmico da angústia e posso então, invertendo minha fórmula anterior, dizer que na análise a angústia é o único afeto aliado à interpretação. Aliás, sabemos que Lacan pôde representar a mira da interpretação através do dedo indicador levantado de São João de Leonardo, um dedo apontado numa determinada direção para assinalar que ali existe alguma coisa que não pode ser elevada ao significante. Em outras palavras, se pode dizer que a angústia como interpretação é o colofão do real e, portanto, insisto sobre a função que chamo de epistêmica. Seria demasiado pouco dizer que é um afeto revelador e, quanto a isso, gostaria de citar uma passagem no fim do seminário sobre a angústia[3], que se poderia intitular "Kierkegaard contra Hegel". Evidentemente Lacan se coloca do lado do primeiro e evoca o conceito da angústia em Kierkegaard. O que quer dizer essa expressão "conceito da angústia", senão que é no verdadeiro poder sobre o real onde se abre uma alternativa ou então a função do conceito segundo Hegel, isto é, o poder simbólico, ou então a que nos dá a angústia; em outras palavras, entre a dialética do conceito e o acesso através da angústia. Ora, Lacan termina dizendo: "é preciso escolher". Não é um e outro, é um ou outro. É, portanto, situar verdadeiramente a angústia como a única subjetivação possível de certo real que o significante não pode captar.

[3] *Ibid*, p. 385.

Então, qual é o real em causa? Temos a resposta, uma vez que lemos o texto de Lacan: é o do objeto *a*. E aqui é preciso apreender por quê. É que se a angústia é um afeto de exceção, é porque ela o referencia a um objeto de exceção. Daí, aliás, a razão pela qual Lacan se serve da angústia para elaborar sua concepção de objeto *a*; e ele se serve dela como um tipo de via de acesso, como um índice precisamente. Ao menos no texto do seminário sobre a angústia é esse objeto que ele faz equivaler ao real. Evidentemente, pode-se discutir em que sentido esse objeto é real, até onde se pode sustentá-lo, já que a posição de Lacan variou muito sobre essa questão nos anos seguintes.

Ficaria tentada a dizer, e vou tentar essa fórmula, que o objeto *a*, por mais real que seja, não existe sem o Outro. O objeto *a* não participa da facticidade da existência, a primeira característica desse objeto (não sei se a primeira, mas, enfim, é uma das características, Lacan insiste quanto a isso), é que ele é um

objeto "fora do conhecimento": "a angústia é o desconhecido como experimentado" (a expressão é de Lacan). Nesse aspecto, a angústia não é o pavor, pois este não se refere ao desconhecido, o desconhecido quer dizer que o objeto *a* é objeto de exceção no campo de todos os objetos do conhecimento, todos esses objetos que são objetiváveis, nas coordenadas do tempo e do espaço e entre os quais existem os objetos visados pelo desejo. Todos esses objetos podem se alojar na estética transcendental de Kant, tanto quanto no seu analítico transcendental, pois estão no tempo e no espaço e são pensáveis. Evoco Kant porque Lacan faz numerosas referências a ele. Então, seria necessário distinguir, creio, e Lacan o observa em algum lugar, o que chamamos o campo da objetividade, ou seja, o campo de todos os objetos a serem conhecidos, quer se trate do conhecimento comum ou do conhecimento científico (são a mesma coisa) e o campo da objetalidade. O objeto *a* não só está fora do conhecimento, como pertence ao campo da objetalidade, e, nesse sentido, é um objeto de exceção.

Ele não pode ser exibido, a angústia o indexa, o marca, mas ela não o mostra, tampouco o designa, ela não lhe dá um nome, um significante. É muito estranho, pois, esse objeto. Toda a questão é saber como esse objeto de exceção é engendrado. Poder-se-ia aplicar novamente a ele o tipo de escrita que apliquei aos afetos e aos sintomas, mas não me deterei nisso.

Vocês conhecem bem a tese de Lacan se tiverem lido o seminário sobre a angústia. Esse objeto não é engendrado sem o Outro, mas antes surge entre o Outro e o sujeito. Não disse que ele surgia entre o Outro barrado e o sujeito barrado. Ele surge entre o Outro real não barrado e aquilo que Lacan escreve com um S e que, nesse seminário, chama o sujeito do gozo e de alguma forma é o indivíduo confrontado com o campo da linguagem. Ele utiliza várias vezes esse S não barrado em seu ensino. É muito útil localizá-lo, pois isso permite compreender o que ele utiliza em seu texto *De uma questão preliminar* no esquema R, no qual designa o que isso escreve: a inefável e estúpida existência daquele que ainda não é um sujeito barrado. Depois ele o reutiliza no texto *Kant com Sade*, que é contemporâneo do seminário sobre a angústia. Com esse S ele escreve, digamos, o sujeito da sensibilidade corporal, aquele que pode experimentar dor e prazer, e que tampouco é o sujeito barrado. Finalmente, Lacan apresenta esse objeto *a* como um dos efeitos da linguagem sobre o sujeito, sobre o indivíduo com seu corpo vivo.

Lacan escreve vários esquemas da divisão no seminário sobre a angústia, e o que esses esquemas escrevem é a transformação que faz passar do S, sujeito do gozo do vivente, ao S barrado, dividido pelo significante. Essa é uma tese muito conhecida de Lacan, muito assimilada, eu diria. O que o seminário sobre a angústia introduz e Lacan desenvolve em seguida é que nesse poder da linguagem sobre o S natural, se posso chamá-lo assim, produz-se um sujeito dividido porque representado pelo significante, mas como ele afirma, há um resto, e o objeto *a* é esse resto. É o que um dos esquemas da divisão escreve[4]:

[4] *Ibid*, p. 135.

$$\begin{array}{c|c} A & S \\ \not{S} & \not{A} \\ a & o \end{array}$$

Acho que devemos conseguir precisar como Lacan e como nós mesmos poderemos entender esse resto, uma vez que ele escreveu o resto como efeito do Outro. Ele escreve S barrado, o que quer dizer, no fundo, que isso escreve a estrutura de exceção de *a* no Outro. Eu dizia há pouco que esse resto não existe sem o Outro, ele é engendrado pela operação do significante, certamente "ele é até mesmo seu efeito maior", como afirma Lacan, mas ele não é um significante, ele é rebelde à significantização, *a* nunca é um significante. Vocês vêem que até aqui lhe são dadas características negativas: não sem o Outro, diz-se que ele não existe sem o Outro, diz-se o que ele não é. Eu deveria ter acrescentado: nunca um significante, tampouco uma imagem, um irrepresentável, portanto. Então, como abordá-lo?

A resposta de Lacan é bastante complexa, mas há um lado simples. Há a abordagem topológica e lógica, ele indica a "consistência lógica" do objeto *a*, ele a desenvolve novamente no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e depois a retoma no resumo do seminário *O ato analítico*, e é daí que vem a expressão "consistência lógica" com referência aos quantificadores. Se eu mantiver o que ele afirma em 1964, ele se serve da distinção entre pertinência e inclusão. Se retomarmos *Posição do inconsciente*, veremos que ele afirma a partição do ser para dizer que tanto o sujeito quanto o Outro se constituem em duas partes. Ele representa isso com os círculos de Euler (Figuras 1 e 2)[5].

[5] Lacan, *O Seminário, livre 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964, p. 200-1)

Figura 1

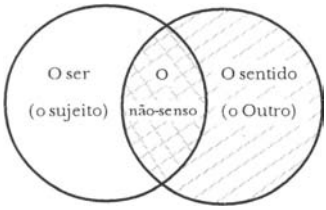
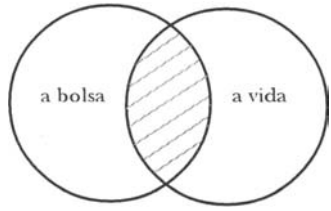


Figura 2



A alienação

Podemos dizer, então, que no lugar do Outro só existem significantes como elementos, todos os significantes pertencem ao lugar do Outro, porém há uma parte que está incluída, mas que não é um elemento do Outro e que pode ser escrita. Existem várias formas de escrever a pertinência, *a* não pertence ao Outro no sentido de ser elemento do Outro, ele não é um significante do Outro, mas *a* é incluído pelo Outro.

$\supset$ escreve a pertinência, e $\subset$ a inclusão. Podemos, portanto, dizer: a não $\supset$ A, mas $a \subset$ A

Assim é a estrutura lógica que se poderia reformular com os quantificadores, mas essa estrutura lógica não nos diz qual a função do objeto *a*. Ela nos informa que ele não é um significante, que não é a imagem desejada, que ela aparece no campo dos objetos como um logro do desejo. Evoquei há pouco lá na Universidade[6], esse par do logro e da causa. No fundo, no nível lógico capta-se a exceção, mas *a* só tem uma estrutura lógica, ele opera no nível do que Freud nomeia de libido, no fundo ele é o elemento que anima a estrutura e que dá ao sujeito mortificado pelo significante algo como um ar de vida. Toda a questão do que Lacan introduz de novo nesse seminário é que, ao lado dessa negativação do significante, ao lado do efeito falta-para-ser da linguagem, há um efeito que ele qualifica freqüentemente utilizando o termo "perda", uma perda geradora do desejo.

Acho que na leitura que podemos fazer de Lacan, há uma ambigüidade que se assemelha um pouco às ressonâncias de falta e de perda. Só que aquilo que Lacan introduz a partir desse seminário sobre a angústia é que a perda é algo que opera, direi, no nível do gozo, poderia dizer também do vivente, mas, em todo caso, em um nível real. Gostaria de enfatizar esse lado que no seminário sobre a angústia, pelo fato de Lacan retomar sempre expressões antigas, não aparece completamente

[6] N. do T. Referência à conferência que a autora pronunciara na USP na tarde de 11 de novembro de 2004.

na primeira leitura. Ele introduz aqui uma nova definição do corte. Até então, era bem conhecido o corte entre os significantes, também o corte entre significante e significado, enquanto aqui é o corte sobre as funções do organismo, o corpo afetado em suas funções. O termo "corte" o indica afetado sob a forma de uma perda de gozo, representado por um pedaço de corpo separado, caído do organismo. Como se faz essa operação? Há várias passagens. Lacan perguntava como o sujeito entra nesse negócio do significante. Resposta: através de uma demanda que incide sobre o corpo e que isola, separa do organismo um pedaço de corpo. Na verdade, essa tese não é nova quando ele a aborda no seminário sobre a angústia. Havia muito tempo ele afirmara que a demanda é o que transforma a necessidade, para fazer dela pulsão, mas ele o formulara de forma diferente em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*, ao acentuar, cito de memória, "é preciso que à necessidade acrescente-se a demanda, para que o sujeito faça sua entrada no real". Creio que na época ninguém leu essa frase pelo que ela queria dizer. Por quê? Porque o tema da falta-para-ser do sujeito era tão cativante que se pôde ler "o sujeito faz sua entrada no real" como a falta-para-ser que surgia. A entrada do sujeito no real, lida retrospectivamente, queria dizer que isso passava pelo corpo. No fundo, para formular com outras palavras, é o seminário sobre a angústia que faz se juntarem o tema da falta do sujeito, que se encontra em Lacan desde o início, o tema da falta-para-ser, da falta do desejo, e as elaborações sobre a pulsão.

Então, o esquema é bastante simples: é que no lugar da falta – é preciso primeiro a falta – uma falta que é irredutível, ele insiste repetidamente, essencialmente simbolizada pelo falo, e que esse lugar da falta não é nem vazio nem inerte; ao contrário, e aqui retomo a palavra "assediado", assediado precisamente por esse objeto cortado do corpo, objeto perdido, afirmava Freud. Lacan acentua mais de um corte de subtração com essa fórmula tão simples: "O objeto *a* é o que se tem mais para se designar a subtração que não é uma subtração subjetiva, que é uma subtração real no corpo". O tema atravessa todo seu seminário. E é a partir daí que Lacan precisa esse corte realmente subtrativo que condiciona ao mesmo tempo a fantasia e as buscas da pulsão. Não é a mesma coisa, absolutamente! É a partir daí que Lacan é levado a redefinir a castração freudiana e a contestar a definição de castração por Freud. A castração é a subtração real, mas ao mesmo tempo essa subtração real consiste na reserva libidinal operatória, o que faz com que haja um impulso, uma busca, uma saída do autismo libidinal.

Estou indo rápido, pois são coisas muito amplas, e temos pouco tempo. A partir de 1962, 1963, Lacan tenta elaborar o que ele chama de "consistência corporal".

Voltemos à angústia, pois toda essa construção é feita para dar conta da certeza da angústia. O objeto, a angústia não sem objeto, qual a relação? Retomo com outros termos. Qual a relação entre a angústia e esse objeto? Esse objeto que Lacan formula como causa do desejo, do desejo que é sempre desejo do Outro, tanto quanto se trata do Outro como parceiro, como do sujeito que deseja como Outro, causa do desejo, mas como causa do desejo sempre mascarado. Não se sabe, sujeito algum sabe a partir de que "objeto causa" ele deseja. Lacan tem uma expressão muito simpática: ele afirma que o objeto produz, às vezes, uma corcova sob o véu fenomenal, mais uma alusão a Kant e aos objetos-fenômenos. Que relação a angústia mantém com esse objeto?

Temos fórmulas que são muito eloqüentes. A angústia está em ligação com o Outro barrado, prioritariamente ligada ao desejo do Outro como desconhecido, e que me visa, pois se ele não me visa, o desejo do Outro não me incomoda muito. Nesse sentido, a angústia é o sentimento de iminência de um perigo real que consiste em se reduzir ao objeto. Lacan acentua, aliás, que a angústia é o sentimento de se reduzir ao seu corpo. Seria preciso dizer antes a um pedaço de corpo no encontro com o enigmático desejo do Outro. Há os dois exemplos que são muito eloqüentes: o primeiro exemplo é o do louva-a-deus. Se eu estiver diante de um louva-a-deus que devora a cabeça de seu parceiro e se eu tiver uma máscara sobre o rosto e não souber qual, eu terei motivo para ficar angustiado, porque eu poderia estar com a máscara do macho que ela vai devorar. Esse é o exemplo da angústia diante do desejo do Outro, o Outro como parceiro. Mas há um outro exemplo: é o angustiado pela página em branco, como afirma Lacan: "Interrogue-o, questione-o, e ele vai dizer que é o excremento de sua fantasia", o excremento confrontado ao enigma daquilo que pode produzir a única resposta para ele. Vê-se que o esquema escreve, no fundo, que o eixo da angústia está prioritariamente entre o Outro barrado e o sujeito barrado, e que o objeto cai dele como resultado. Lacan usa um termo muito preciso, o termo "cessão do objeto". Cessão do objeto para dele se separar. E com isso repensa de outra forma o perigo real assinalado por Freud no adendo de *Inibição, sintoma e angústia*. O perigo real, indica Lacan, é precisamente a cessão do objeto. E isso coloca para nós a angústia como desempenhando um papel nessa separação do objeto, no corte que faz cair o objeto, e então

pode-se falar de um momento constitutivo do objeto, correlato ao afeto primordial da angústia na relação com o Outro. Isso poderia levar a muitos desenvolvimentos, mas vou me deter aqui.

Termino retomando uma tese que desenvolvi e que considero legítima. Ao acompanhar tudo o que desenvolvi hoje, posso dizer que o momento de angústia é um momento de iminência de destituição subjetiva, destituição selvagem, claro, na qual fico sob a ameaça de ser apenas o objeto que cairá. A destituição de fim de análise é de uma outra ordem, por concluir-se como resultado de um trabalho, mas isso se poderia escrever com o mesmo matema: $\$ \equiv a$, a equivalência do que sou como eu, eu libidinal, claro, com o objeto-causa. Nesse sentido, e vou terminar nesse ponto, Lacan se juntaria muito bem a todos os filósofos que insistiram sobre o alcance ontológico da angústia, e que começa na realidade com Pascal, antes de Kierkegaard, e vai até Heidegger. É uma dimensão que escapou a Freud, demasiadamente ligado à questão do ter. Ele havia reduzido demasiado a castração ao regime do ter, e se pode notar – esta é minha última observação – que no seminário sobre a angústia, Lacan primeiro refuta a castração definida por Freud, ele não a joga fora, mas a reformula. Em contrapartida, quando quer se referir a Freud pela angústia, o que ele escolhe? De forma alguma aquilo que Freud afirmou sobre a castração, mas o que ele afirma sobre o *Unheimliche*, o sentimento de estranheza e também o que ele assinala sobre o *Hilflosigkeit*, o sentimento de desamparo. Isso quer dizer que Lacan percebeu esse alcance ontológico que levou Freud a pegar o que é lateral sobre a questão e não o que está no seu âmago, ou seja, o complexo de castração.

TRADUÇÃO
Sílmia Sobreira
REVISÃO
Ângela Mucida
Dominique Fingermann

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre X: L'Angoisse* (1963-1964). Paris: Seuil, 2004.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *Télévision*. Paris: Seuil, 1973.

resumo

Essa conferência, proferida em São Paulo em 11 de novembro de 2004, ao abordar a tese de que a angústia é um afeto de exceção, desenvolve também a relação entre angústia e objeto *a*. Ao contrário de todos os outros afetos, ela não engana, sendo, portanto, aliada à interpretação pois não remete ao significante enganador. A angústia remete a um real e se liga ao objeto de exceção, objeto *a*, objeto fora do conhecimento. Ela se liga ainda ao Outro barrado; ao desejo do Outro como desconhecido.

abstract

This conference, given in São Paulo in 11/11/2004, focuses on the theses that the anguish is an afection of excepion. It also develops a relation between anguish and object (a). Diferently of all the others afects, it does not misleads being, therefore, conected to the interpretation once it does not recall the significant that mileads. The anghish recalls a real that conects itself to the object of exception, object (a), object outside of knowledge. It also conects itself to the Other blocked; to the desire for the Other as an unknown.

palavras-chave

Angústia, afeto, sinal, objeto *a*, real, falta e Outro

keywords

anguish, afection, sign, object *a*, real, missing and Other.

recebido

15/03/2005

aprovado

15/04/2005